

(Des) construção

Capítulo I – Um homem

Em meio a um inverno intenso um
devaneio

Jorge vislumbrava seu futuro
derradeiro

Eis que completava seus trinta anos

E não passava de um *longa manus*¹

Deteriorado em pleno dois mil e
vinte

Nunca passou de um bom ouvinte

Com o intuito de se desinfamar

Uma inovadora ideia havia de se formar

A cultura rapidamente teria quebrado paradoxos

O assassinato dos conceitos ortodoxos

A mídia impunha conceitos e agonias

E Jorge agora era só melancolias

A epopeia de Davi e Golias

Certamente inspirava suas alegorias

¹: Mero executor de tarefas. Termo em Latim.

Capítulo II – O pragmatismo

Jorge labutava como funcionário público

Na bela cidade de Pernambuco

O cotidiano era maçante e ingrato

O fazia sentir-se como um rato

A mulher a quem tanto desejava

Catarina sua musa só viajava

Nascida em boa família

Que de boa só a ironia

Sua mãe era falecida e seu pai juiz

Vendia sentenças como uma
meretriz

E ela partia pelo mundo infeliz

Jorge já cansado de toda monotonia

Pedi sua demissão em euforia

Caindo assim no limbo da alforria

Capítulo III – Oportunidades

A famigerada *terra brasilis* sempre
na berlinda

Só tem oportunidades para contatos
ainda

Nepotismo desconstruído e aceito

Lançam a sarjeta o sujeito

Observava tantos cargos ocupados

De abjetos funcionários agrupados

Sentia que nada era real

Até que tudo lhe pareceu tão banal

No instante que cruzava a Rua da
Aurora

Cogitou as lembranças de outrora

E então atirou-se em um carro na
mesma hora

Em coma a ambulância o encontrou

Dirigido assim o hospital adentrou

Sua família nunca saberia onde
errou

Capítulo IV – Lucidez

Jorge então encontrou Catarina
Em estado vegetativo de alegria
Viajavam ao redor do mundo
Em um romance moribundo

Adormentado em seu leito
provisório
Visualizava um futuro irrisório
O mundo finalmente girava no
sentido correto

As miúdes de seu sonho secreto

Não tinha certeza se pisava o céu ou
Aruanda

Jogava e apostava com a vida
malandra

Esgueirando-se como uma
salamandra

Os humanos se respeitavam e eram
cordiais

Enfim o bálsamo em rumos cardinais

De pouco a pouco perdendo seus
sinais vitais

Capítulo V – A hora de acordar

Enfim morto Jorge era vivo

Nada mais lhe era ofensivo

Não existiam escândalos nas
políticas

As religiões não sofriam críticas

Seu devaneio era colorido
sonoramente

Shostakovich e Bach deixavam-no
contente

Homicídios e torturas eram ficção

O amor por Catarina talvez a única
convicção

Jorge enganadiço nas voltas dos
caracóis

Brilhava o rosto entre os lençóis

Acompanhado em sua cabeceira por
alguns girassóis

E então não se importava com a
riqueza

Palavra vil que adoece a beleza

Nunca havia sentido a falta da
tristeza

Capítulo VI – Destino Capcioso

Eis que em determinado momento

Jorge vive um desalento

A miúde de todo relento

Desperta enfim ao rebento

Recobra a consciência vilipendiada

Havia feito de seu subconsciente sua
morada

Agora desperto era só agonia

Pois derradeira foi a fantasia